

NAQUELE DIA DEIXEI DE SER ATEU ...

(Condensado do «Christian Herald »)

Pelo dr. Orrin Keating

VINHA fazendo o meu curso na Escola de Medicina, e até então me considerava um ateu irreductível, a quem seria totalmente inútil falar em conversão. Qualquer forma de crença religiosa reduzia-se, a meus olhos, a superstição infantil, quando não fosse, o que era mais grave, um obstáculo a todo progresso intelectual. Meu ateísmo fundava-se numa convicção apaixonada; e, com a segurança de mim mesmo, tão própria da mocidade, não tinha eu hesitação alguma em expor os meus pontos de vista a quem quisesse escutá-los.

Senão quando, um belo dia, alguma coisa aconteceu, que deveria mudar o curso da minha vida.

O famoso anatomista David Grant fazia-nos a sua preleção diante de um cadáver, e o ia dissecando à nossa vista. Súbito, fez uma pausa e, voltando-se para nós, discorreu mais ou menos nestes termos: «Senhores, aqui neste organismo humano há uma refutação absoluta do que se chama ateísmo. Não haverá ser pensante que, observando de perto o milagre da construção e do modo por que se distribuem os órgãos deste corpo, deixe de concluir ou reconhecer que algum Poder Criador, acima e além da compreensão humana, deve estar na origem de tais coisas.

«Ninguém poderá negar que toda criação implica a existência de um criador. Deve haver alguma Força, alguma Causa Primeira, ou seja o que for que tenha o nome de Deus, tão certo é que a mecânica da procriação animal não basta para explicar como surge tal máquina, em plena atividade. Os médicos, ao que me parece, deveriam ser, de preferência a quaisquer outras pessoas, verdadeiramente religiosos, uma vez que a profissão os põe em maior contacto com o inexplicável milagre. Quando considero que os médicos deveriam ser religiosos, quero dizer que lhes cumpre, mais que a quaisquer outros homens, ser piedosos e humildes, com o próprio fato de reconhecer aquela Força Suprema que rege a vida humana.

«Se penetrardes os domínios da alma,» prosseguiu o dr. Grant, «não acredito encontreis uma só criatura na terra que não manifeste qualquer forma de anseio espiritual, qualquer compreensão interior, embora não formulada, de que há uma Força além da força humana, para a qual se volve instintivamente nas suas horas difíceis. Qual é aquele entre nós que, ao dar, na solução dos seus problemas, com um obstáculo intransponível, já não tem procurado alguma coisa, porventura mais forte do que o homem, que venha em seu auxílio? Lincoln disse uma vez: «Não raro tenho caído de joelhos, ante a convicção iniludível de que não me resta outro recurso.» Há com efeito na prece um maravilhoso poder tônico, e eu não vacilaria em apostar que, se qualquer dos senhores lesse diariamente, durante duas semanas, o Sermão da Montanha, sentiria algo de novo, e definitivamente benéfico, entrar-lhe pela vida. Mas... voltemos ao nosso serviço.»

Não consegui dormir aquela noite. As palavras do dr. Grant voltavam-me ao espírito a cada momento. Quanto mais eu tentava refutá-

las, tanto menos me sentia em condições de fazê-lo. Um dos seus conceitos desafiava-me o raciocínio: «Toda criação deve ter um criador.» Ao raiar da madrugada, já não eram inabaláveis, tão abaladas havia entrado a sentidas, as minhas convicções.

Agora, 34 anos são passados, desde que me decidi a tomar o conselho do dr. Grant a respeito do Sermão da Montanha. Hoje estou certo de que os ensinamentos de Cristo proporcionam, a um só tempo, a mais nobre e a mais prática de todas as normas para conduta na vida, com que ainda alguém veio no mundo ao encontro da humanidade.

Há quem diga, inclusive entre cristãos, ser impossível adaptar, em rigor, a doutrina do Evangelho à nossa complicada civilização moderna; que uma filosofia de vida especialmente apropriada às necessidades tão simples do século I, não pode corresponder às complexas exigências do século XX. Mas os que assim argumentam, com aparente fundamento, esquecem que os problemas fundamentais, que nascem ou brotam das relações humanas, são hoje os mesmos do tempo em que andou Jesus na terra. As condições externas podem mudar com os séculos: não assim os princípios.

A mim, ao contrário, o que se me afigura, é que os problemas da atualidade—o choque tremendo de ideologias políticas, o ódio de raça, os incríveis horrores da guerra, tudo em suma que põe em perigo toda a nossa civilização—nos induzem a admitir que não haverá remédio para as desgraças do mundo senão na aplicação precisamente daquelas verdades simples ensinadas a pobres pescadores e camponeses judeus, por Alguém que morreu crucificado, já lá vão dezenove séculos.

Ao longo de toda a história, os períodos de calamidade ou de materialismo têm conduzido a um renovado interesse pelas coisas espirituais. Uma geração realiza um progresso mental e moral. Em seguida, a certa altura, a humanidade retrocede e descai, até que outra futura geração torne, por sua vez, ao bom caminho. Mas estes avanços e recuos não se compensam de modo a resultar, porventura, na volta do gênero humano ao ponto de partida original; a resultante é a marcha, ainda que lenta, para a frente e para cima.

São tantos hoje os males de que se ressentem a humanidade, que tudo nos aconselha a recorrermos à proteção de Deus. Precisamos de erguer as nossas preces, para que Ele nos acuda com as luzes de que precisamos, para devidamente orientar-nos, com a força espiritual que nos traga aos corações uma compreensão mais efetiva da fraternidade humana, tal como exemplificada na vida de Jesus. Sim; precisamos de orar, para que nos levantemos do nível, tão perigoso e tão precário, das coisas materiais, até a comunhão com a divindade.

Na prece há força. Ela nos transmite, com a coragem, uma capacidade, bem maior, para enfrentar as lutas ou os reveses. Escreve Alexis Carrel: «Se vos afizerdes ao hábito de orar com sinceridade, vereis como a vossa vida se modificará profundamente. A prece marca com os seus sinais indeléveis as nossas ações e conduta. Uma tranquilidade de atitude, um estado efetivo de repouso, que transparece na fisionomia, são por via de regra observados em todos os que enriquecem de tais forças a sua vida íntima. Dentro no insondável recesso da nossa capacidade de entendimento, acende-se uma luz. E o homem vê-se a si mesmo. Percebe

o seu egoísmo, seu pequenino orgulho, seus temores, suas cobiças, seus erros. Desenvolve-se lhe então um senso de obrigação moral, de humildade intelectual, e eis que a alma se lança na jornada para o reino da graça.»

Imagine-se uma pessoa, que, para provar que uma flor não nasce de uma semente, plantasse esta num lugar escuro, e onde lhe não desse gota de água. E claro que tal semente nunca poderia germinar. Procedem do mesmo modo os que contestam a eficácia da prece. Quem quiser tirar a limpo as vantagens incomparáveis da doutrina cristã, basta que a ponha em prática. Nem há outro meio de verificá-lo. Temos em geral certo pendor para estabelecer um divórcio entre a religião e as coisas «práticas». Procuramos viver em dois mundos—um de inspiração e aspiração, outro que chamamos o mundo real, da política, da sociedade, dos negócios. Impõe-se, como necessidade imperiosa, que os ensinamentos de Cristo venham a reunir estes dois mundos.

É ainda o dr. Carrel quem assim se pronuncia: «Hoje, mais do que nunca, a prece é uma necessidade inelutável na vida de homens e povos. A falta de intensidade no sentimento religioso acabou por trazer o mundo à beira da ruína. O mais profundo manancial de energia e perfeição, que se acha ao nosso alcance, tem sido miseravelmente abandonado. Se a força da prece for mais uma vez posta em ação, revigorando homens e mulheres, haverá ainda esperança de que não sejam vãos nossos anseios de um mundo melhor.»

A disposição, cada vez maior, que se nota no mundo econômico, político e social, no sentido de cada um de nós considerar-se em dever para com o seu semelhante, é seguramente uma prova de que nos achamos às vésperas de um renascimento espiritual. A avidez de ser útil à coletividade, que, nos dias tremendos que vivemos, homens e mulheres manifestam em todos os campos da vida, é outro sinal concludente do mesmo fenômeno. Milhões e milhões de criaturas, por toda a superfície do planeta, chegaram afinal a um ponto em que se rendem à evidência de que é fútil tentar satisfazer-nos com coisas materiais. Vamos todos reconhecendo, ainda que à custa de decepções, que nem só de pão vive o homem.